

Campos 23/8/72
Rec. 26/8/72



ÓRGÃO DE UNIDADE DOS CAMPONESES DO NORTE

N.º 25 — 2.ª SERIE JÚLIO DE 1972 PREÇO \$50

NÃO ARRANCAREMOS UM PEQUENO PRODUTOR AS NOSSAS VIDEIRAS ! FALA-NOS DA AVICULTURA

Alarga-se em várias regiões do Norte o movimento de protesto contra o arranque dos produtores directos, isto é, das videiras que produzem o chamado vinho americano.

Depois de conhecido publicamente (pelos jornais diários de fins de Fevereiro), o parecer da Câmara Corporativa relativo ao condicionamento do plantio da vinha provocou um estado de espírito de profunda revolta entre os pequenos produtores do Minho, Beiras e Douro Litoral. Tal estado de espírito expressa-se bem pela decisão: « Não arrancaremos as nossas videiras! » Neste sentido, um grupo de agricultores redigiu um documento, a que « A Terra » fez referência no número anterior, que tem sido distribuído em várias regiões nortenhas nomeadamente nos concelhos de Vila da Feira, Vale de Câmbra, Agueda, Oliveira de Frades, Vouzela, S. Pedro do Sul, Famalicão, e outros.

Um abaixo-assinado dirigido a Marcelo Caetano tem circulado em muitas freguesias desses concelhos, recebendo todo o apoio dos camponeses interessados no problema. O texto desse abaixo-assinado expõe a crise que atravessam os pequenos e médios agricultores para os quais o vinho americano representa um complemento da alimentação e um dos principais sustentáculos das suas débeis economias, tanto mais que outras castas de videira de qualidade considerada superior não se dão nessas zonas.

Os signatários «reclamam como indispensáveis»
(cont. na pág. 4)

A criação de aves tem sido, desde há alguns anos, uma das produções a que muitos pequenos e médios agricultores se têm dedicado, como complemento às suas explorações agrícolas cada vez mais ameaçadas de ruína. Mas as suas esperanças de tentarem evitar a crise através da criação de aves têm sido destruídas pela complicada engrenagem industrial e comercial que detém as posições-chave neste ramo, dominando os pequenos avicultores, e que acabará por esmagá-los se estes não se unirem.

Para conhecermos em pormenor os problemas com que se debatem os pequenos produtores de aves, particularmente de frangos, que actualmente representam um número considerável em muitas regiões do país, entrevistámos um pequeno avicultor. Ele apresenta opiniões e sugestões que terão certamente muito interesse para os nossos leitores que se dedicam à criação de aves.

Começamo por perguntar-lhe: Quais são as principais dificuldades que se levantam aos pequenos e médios avicultores?

— Olhe, pode dizer-se que as dificuldades começam com a compra dos pintos e vão até à venda dos frangos.

Somos explorados pelas várias indústrias que nos fornecem os produtos necessários para a avicultura e são: as granjas de multiplicação de pintos, as fábricas de rações, os laboratórios de produtos veterinários e as fábricas de material avícola, na maior

(cont. na pág. 2)

(cont. da pág. 1)

parte estrangeiras com representantes no país. Todas elas contam, duma forma ou doutra, com protecção e apoio do governo, ao passo que nós, sem defesa, somos sugados e maneja-dos à sua vontade.

Sem qualquer lei que refreie a importação de pintos reprodutores ao nível nacional, as granjas de multiplicação, na mira de lucros cada vez maiores, aumentam os seus efectivos reprodutores e assim lançam um número cada vez maior de pintos-do-dia, que são absorvidos pela produção. Embora o consumo público ainda não tenha atingido a saturação, o certo é que esse consumo não se alarga duma forma rápida. Nota-se, pois, um desfazamento entre as necessidades do país em frangos e ovos e a produção de aves por parte das granjas. Este é um dos motivos das crises de baixa de preços no produtor. Claro, isto alia-se a outras causas: o próprio produtor, na altura da crise de preços, causada pela abundância de aves, tem medo e não mete aves. Daqui resulta, no caso do frango de carne, uma alta de preços 2 ou 3 meses depois (o frango demora 2 meses a criar). Então regista-se uma procura intensa de pintos-do-dia, que mais tarde originará uma crise de baixa. Conhecedoras deste ciclo, as granjas aumentam os seus efectivos. A sua função última no plano de produção será manter um nível de preços injustamente baixo no avicultor, o que provoca uma crise permanente aos pequenos e médios.

— E quanto às rações?

— Estão muito caras para nós, e há notícias de que os industriais não baixarão os preços. Entretanto, têm lucros monstros. Calcula-se presentemente o lucro médio por tonelada de ração, entre os 200 e os 250\$00. Mas eles ainda aumentam os lucros baixando a qualidade. Há uma legislação que determina os limites máximos e mínimos de factores alimentares que compõem as rações. Mas essa legislação não é cumprida na maioria dos casos, quer por falta de vigilância do Estado, quer por impossibilidade de análise laboratorial visto não existir um critério oficial para determinação dos aminoácidos

(factor preponderante na qualidade da ração). A soja e o amendoim são menos ricos em aminoácidos do que a farinha de peixe, mas custam cerca de metade. Assim os industriais aplicam nas rações muito mais soja e amendoim do que farinha de peixe, resultando daqui um maior lucro e uma menor qualidade. E ainda, com a recente baixa do milho e da cevada, estes lucros aumentaram substancialmente.

— O que tem a dizer-nos sobre os laboratórios de produtos veterinários?

— Tenho a dizer que são ouro candora da avicultura. Além das margens de lucro altíssimas, eles vendem sempre quer haja crise ou não. Por intermédio dos seus veterinários e delegados chegam aos aviários, diagnosticam uma doença mesmo que o não se verifique e vendem os seus produtos: "De fato, de aquilo...", e passam um produto a base de sulfamidas, umas vitaminas: "necessas são as melhores". E nós, vamos na cantiga, aplicamos os remédios e gastamos ouro e cabelo.

— Como procedem à venda dos frangos?

— Quase todos nós estamos nas mãos dos intermediários. Estes compram por grosso às granjas, fábricas de rações, laboratórios e fábricas de material o que é necessário para a avicultura e fazem contratos connosco, mas só de palavra (quer dizer, sem valor legal). Nestes contratos estipulam que serão eles a fornecer tudo o que precisamos e «comprometem-se» a tirar os frangos e os ovos quer ao preço que corre na região (preço feito por eles e muito inferior ao do mercado consumidor), quer a preço fixo que varia de comerciante para comerciante. É vul-

RECLAMAÇÃO DE SUBSÍDIOS

Os agricultores da freguesia de Bolho, região de CANTANHEDE, que viram destruídas as suas esperanças numa razoável produção vinícola devido a forte saraivada de granizo, decidiram reclamar medidas de ajuda do Governo. Foram todos à Câmara Municipal para que as autoridades camarárias e do distrito de Coimbra Interventiam na concessão de subsídios governamentais que permitam atenuar a grave situação em que ficaram, uma vez que pagam contribuições quer o ano seja bom, quer seja mau.

FALANOS DA AVICULTURA

gar tirarem os seguintes lucros para o frango de carne: Ração: 200\$00 por tonelada. Pintos-do-dia: 1\$00 cada. Assim, para um bando de 4.000 frangos, que é vulgar, o intermediário ganha, só na venda de pintos e ração, pelo menos 4.200\$00 líquidos.

Mas como os contratos são só de palavra, quando nos levam os frangos, na altura da baixa de preços, fogem ao que ficou combinado, se é preço fixo; se é ao preço que corre, baixam-no de tal maneira que nunca perdem, antes ganham, porque há uma grande diferença em relação ao preço do mercado consumidor.

Quando há escassez de frangos e ovos, o intermediário ainda vive mais à larga, porque os preços sobem e há um desluzamento grande na relação do preço ao produtor com o preço no mercado. Nessa altura paga-nos entre 14 e 15\$00 por quilo de peso vivo e vende por 20\$00 e mais, chegando a ganhar 44 contos limpos num bando de 4.000 frangos. Daqui se vê que estes comerciantes não passam de parasitas. São percevejos que sugam o sangue dos agricultores.

— Nos últimos anos tem-se verificado uma afluência crescente do capital à avicultura. Como influem essas grandes empresas capitalistas na vossa situação?

— Os capitalistas investem dinheiro em grandes unidades que por vezes atingem a integração vertical (granja de reprodutores, fábrica de rações, aviários de produção e ma-

tadouro) como é o caso do Aviário do Freixial. Fazem uma concorrência desleal aos pequenos produtores e acabarão por esmagar-nos se nós não estivermos unidos, porque conseguem custos de produção mais baixos. Esses capitalistas são uma das causas da crise dos preços.

— Vocês contam com algum seguro do Estado à produção, ou outro tipo de auxílio?

— Não temos nada disso. Ainda recentemente apareceu a doença de NEWCASTLE em Portugal e muitos de nós temos visto os nossos bandos morrer até à última ave. O Estado não se preocupa em divulgar os meios de combate contra esta peste temível. Não tem serviços técnicos a altura que elucidem o povo e o ajudem. Não prevê qualquer indemnização no caso dos nossos bandos serem atingidos. Em minha opinião devia-se tornar obrigatória a vacinação contra essa doença, a inscrição dos aviários na Intendência Pecuária, o atestado de vacina passado por um responsável e, em função disto, a atribuição de indemnizações justas.

— Para terminar, quer expôr-nos algumas das soluções que ajudariam os pequenos e médios avicultores?

— Acabar com os intermediários criando associações de produtores para a compra de que necessitamos e para a venda do que produzimos (cooperativas de compra e venda) ou, talvez melhor, criando cooperativas avícolas, suficientemente grandes.

Unões destas cooperativas já poderiam criar as suas próprias granjas de pintos, fábricas de rações, etc.

Mas a melhor solução ainda me parece ser a de incluir as cooperativas avícolas em cooperativas de produção agrícola, de forma a não desligar estas duas produções aproveitando estrumes, etc.

Protecção de preços no consumidor.

Penso que devemos exigir do Estado a fiscalização da qualidade das rações, dos pintos, etc. A criação de um corpo técnico oficial activo, conhecedor e desinteressado. A importação condicionada de reprodutores, em função do estudo das necessidades do mercado.

Em resumo, o mais importante é unirmo-nos todos para nos defendermos melhor,

CONTINUA A LUTA DOS PRODUTORES DE GADO

No prosseguimento da movimentação em defesa dos seus interesses que «A Terra» noticiou, os pequenos e médios produtores de gado dos distritos do PORTO, BRAGA e VIANA DO CASTELO voltaram a reunir-se no Grémio da Lavoura de PAREDES. Elaboraram aí uma nova exposição ao Governo em que reclamam deste medidas realmente eficientes que os protejam e permitam o desenvolvimento da produção da carne e do leite de acordo com os interesses da lavoura e as necessidades do país.

INCENDIOS EM MATAS

incúria criminosa dos Serviços Florestais

No dia 9 de Junho um violento incêndio nas matas dos Serviços Florestais situadas em Castro Daire estendeu-se por uma área de 6 quilómetros ameaçando a povoação de Braceiro e quase chegando a Eiriz. Em 12 de Julho outro incêndio devorou matas entre Albergaria-a-Velha e Agueda alastrando a propriedades particulares onde provocou grandes prejuízos; um foco de incêndio junto da estação de Paradela estendeu-se por 600 mil metros quadrados. Exemplos destes vão-se multiplicando pelo verão fora, a comprovar trágicamente a razão das povoações como Talhadas e Préstimo que protestam contra os perigos a que as sujeitam os S.F. Estes apropriaram-se dos baldios, levam as matas à beira das povoações e propriedades particulares contra o estipulado na lei, não

abrem caminhos nem valas de defesa, nem ao menos deixam os camponeses roçar o mato, o que evitaria os perigos de incêndio.

Na sua luta contra os Serviços Florestais, ainda recentemente, em novas exposições, os povos destas freguesias reclamavam que fosse respeitada pelos S.F. a distância mínima de 80 metros entre as suas demarcações e os terrenos particulares.

Os S.F. continuam a não atender esta reclamação e os perigos estão à vista. Além de ladrões, são criminosos!

Pois em todo o lado onde os incêndios vão devorando propriedades e bens, por culpa da incúria dos S. F., deve exigir-se que estes paguem todos os prejuízos e que cumpram a lei! Lutemos contra os roubos e as prepotências dos S. Florestais!

NÃO ARRANCAREMOS AS NOSSAS VIDEIRAS!

(cont. da pág. 1)

sável para a sua vida que não lhes seja cortada a possibilidade de produzir e livremente comercializar os frutos que as suas terras podem dar e entre eles o vinho de produtores directos. Devem ter a liberdade de produzir para o seu próprio consumo esse vinho e é injusta qualquer proibição de tal facto. Devem igualmente ter a faculdade de comercializar livremente os seus excedentes.» — Tais são as reclamações contidas nesse abaixo-assinado, que considera injusta qualquer proibição do governo quer no que toca à produção, quer à venda do vinho americano.

Os signatários protestam energicamente contra o Projecto-Lei, em que se prevêem multas que vão até 60\$00 por pé de produtor directo e por ano, afirmando que isto constitui «a mais séria ameaça até hoje proferida contra a economia da sua região».

A par deste abaixo-assinado e logo que foi conhecido o parecer da Câmara Corporativa que apoia o Projecto de Decreto-Lei em questão, foram feitas algumas reuniões de camponeses para discussão do problema, com elementos das Juntas de Freguesia.

Os pequenos produtores das regiões onde interessa a cultura da videira americana, devem seguir estes exemplos, iniciando desde já os seus protestos, realizando reuniões, fazendo abaixo-assinados e concentrações junto das Câmaras Municipais para mostrar claramente ao governo que tal lei não pode nem deve ser aprovada.

Mas se o governo a fizer aprovar e tentar pô-la em prática, então os camponeses devem resistir por todas as formas, incluindo o uso da força, para fazer frente a esta violência das autoridades fascistas.

RADIO PORTUGAL LIVRE

Transmite diariamente em três períodos de emissão:

Das 8 às 8,30 horas em 19, 20, 20,8 e 25 metros.

Das 19 às 21 horas em 19 e 25 metros. Da meia noite e 20 minutos à meia noite e 50 minutos em 19 e 25 metros.

Aos domingos transmite ainda das 15 horas às 15,30 em 19, 20, 25 e 26 metros.